

PAIS & Filhos



MENSAL • SETEMBRO 00 • NÚMERO 116

**Sinais
de parto**

**Crianças
sensíveis**

**Guarda alternada:
filhos com a
casa às costas**

**Os primeiros
dentes**

À descoberta do corpo

Os mistérios da sexualidade infantil

Sumário

16 **GRAVIDEZ EM LUTO**
O bebê também fica triste?
por Carla Ramos da Silva

22 **SINAIS DE PARTO**
Quando ir para a maternidade
por Isabel de Matos

26 **OS PRIMEIROS DENTES**
Resposta a todas as perguntas
Por Paulo Oom

34 **OBSERVATÓRIO DE PAI**
Folhear revistas e outros prazeres
Por Gonçalo Tavares

38 **MAIS MÚSICA PARA OS PEQUENINOS**
Não deixe de cantar ao seu bebê
Por Helena Rodrigues

48 **VIOLÊNCIA**
O drama dos maus tratos infantis
Por Paula Torres Carvalho

84 **DEZ TRUQUES**
Para mudar de escola sem medo
Por Ana Vieira de Castro

96 **BETO, CHUNGA, DREAD OU HIPPIE?!**
Os muitos estilos dos adolescentes
Por Elsa de Barros e Mariana Aguilar

102 **FAMÍLIAS NUMEROSAS**
Conheça os seus direitos
Por Paula Carvalho



44
À DESCOBERTA DO CORPO
Os mistérios da sexualidade infantil
Por Paula Torres de Carvalho

56
AJUDAR A APRENDER
Uma tarefa de pais e professores
Por Vítor Cruz



CAPA: AIC



106 **COM A CASA ÀS COSTAS**
Viver 15 dias com a mãe e outros 15 com o pai
Por Ana Vieira de Castro

126 **BANHOS DE PRAZER**
Relaxe e goze
Por Rosa Cordeiro

130 **CHÁ: UM SABOR COM SABER**
O poder das infusões
Por Paula Figueiredo e Teresa Verde



52
SENSIBILIDADE E BOM SENSO
Ser sensível não é fraqueza
Por Ana Vieira de Castro



62
PONHA-OS A MEXER!
A escolha do desporto ideal
Por Nathalie Blétière

Mais música para os pequeninos

São muitas as formas de darmos música aos nossos filhos, desde pequeninos – canções de embalar, outros rítmicos, jogos de exploração do espaço, música gravada... E não é por não sabermos ler uma pauta que devemos prescindir de lhes cantar. Eles precisam... e merecem.

por HELENA RODRIGUES (F.C.S.H. – U.N.L.)

«**M**aissss», num fiozinho de voz, foi o que se ouviu no silêncio que se seguiu a uma das improvisações rítmicas ocorridas numa sessão de orientações musicais para bebés, realizada no Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian, no passado mês de Maio, e em que pude contar com a colaboração de Ana Paula Almeida e Isabel Gonçalves. No número anterior da PAIS & Filhos, procurou-se sintetizar informação relativa aos princípios subjacentes a este trabalho. Continuando a ter como fonte de inspiração a teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon¹, procura agora dar-se algumas sugestões de carácter prático que possam ajudar pais e educadores a orientar musicalmente os seus pequeninos. Porque, como disse a pequenita, é preciso «maissss»...

Como podem os Pais orientar musicalmente os mais pequeninos?

Em termos gerais, os pais devem ter presente que a interacção humana é fundamental nas aprendizagens, sendo a voz, o contacto ocular e o corpo seus grandes mediadores. A voz humana – tal e qual como na aquisição da língua materna em que a voz se revela insubstituível –, o tacto, o reforço positivo e a imitação das respostas dadas pelas crianças são elementos fundamentais na interacção



individual que se estabelece entre educador e educando. A qualidade da relação humana assim criada é, pois, fundamental para uma aprendizagem musical de sucesso. As interacções musicais são formas de comunicação, funcionando de modo análogo às interacções verbais na aquisição da língua materna. Pessoalmente, acredito mesmo que existe uma zona de transição entre umas e outras e que algumas reacções por parte das crianças (e dos pais) são, simultaneamente, formas primárias de comunicação linguística e formas primárias de comunicação musical. Dir-se-ia que Palavra e Música brotam da mesma fonte; apenas as suas águas – expressividade e entoação – correm em leitos diferentes.

Deve igualmente ter-se presente que o contraste e a diversidade dos estímulos musicais são importantes havendo, no entanto, que assegurar também alguma repetição e estabilidade àquilo que se ensina. Tal e qual como sucede com a aquisição da linguagem: há palavras, há frases que são sistematicamente repetidas. Isto é, há a apresentação de um todo e depois a apresentação repetida de algumas das suas parcelas. Quando a criança balbucia ou imita alguma destas parcelas, os pais, naturalmente, reforçam com entusiasmo esse comportamento da criança. O silêncio – a tela do músico – é igualmente de uma importância extrema. Deve alternar



NUNO VIEIRA

com a riqueza e a diversidade oferecidas, como sendo verdadeiramente a outra face da Música. Seria, pois, contraproducente cair-se no extremo oposto de saturar, cansar uma criança à viva força de a querer estimular.

O silêncio permite assimilar, ouvir interiormente, rever na imaginação sonora aquilo que foi previamente apresentado. De facto, a prática permite observar que é muitas vezes nos períodos de silêncio a seguir às intervenções musicais dos educadores que as crianças interiorizam o que ouviram ou que apresentam reacções mais explícitas. Como aquela pequenina que no (C.A.I.) pediu, monossilabicamente: «Maisss...» Há que estar atento a pedidos (verbalizados ou não) como este.

Mas, e se os Pais não souberem Música?

Por vezes, alguns educadores e Pais evitam participar neste tipo de trabalho, pois pensam que, por não saberem decodificar uma partitura ou dominar um instrumento, «não sabem Música». No entanto, de uma forma geral, todos os seres humanos, em maior ou menor grau são capazes de se expressar musicalmente e, portanto, de alguma forma todos os educadores podem estimular musicalmente os seus educandos. É certo, por outro lado, que nem todos os educadores terão tido, eles próprios, vivências musicais como sucedeu, por exemplo, com a sua língua materna que passam facilmente à geração seguinte. É aqui que cabe o papel de alguém especializado – um duplo papel, aliás: centrado no bebé mas também nos pais ou acompanhantes da criança. De facto, embora estas orientações

musicais possam ocorrer em infantários, parece-me ainda mais interessante – sobretudo no caso das crianças mais pequeninas – que ocorram em sessões em que cada bebé se faz acompanhar do seu progenitor ou educador. Assim, os próprios Pais podem também descobrir em si próprios potencialidades musicais que desconheciam, como podem também aprender, por modelagem, formas de interagir musicalmente com as suas crianças podendo-as explorar posteriormente no quadro da sua relação humana.

De qualquer modo, independentemente do seu nível de competências e conhecimentos, há algumas actividades com carácter musical que os Pais podem estabelecer com os seus filhos. Nem que seja, pelo menos, para transmitir o gosto pela Música...

Mais concretamente através de que tipo de actividades podem os Pais e educadores desenvolver esta «interacção musical»?

Antes de mais (um hábito que hoje em dia, creio, começa a perder-se) cantar para a criança, embalando-a. Cantar canções com características musicais diversas. (Sublinhe-se que se trata de cantar para a criança e não com a criança). É importante que, desde o berço, a criança aprenda a distinguir a «voz cantada» e a «voz falada». Gordon defende que se devem usar canções sem texto (isto é, usando uma sílaba neutra como «nanana» ou «parara») de forma a que a criança atenda às características puramente musicais das mesmas. Este é um aspecto que às vezes suscita algumas dúvidas em alguns educadores pois, dizem, na nossa cultu-

ra é normal cantar canções com letra. É verdade, mas é igualmente verdade que, se observarmos a forma espontânea de embalar, muitas vezes os educadores cantam a canção com as suas palavras, mas depois passam a cantá-la em «mmmm» ou com outra sílaba neutra ou vice-versa (como que procedendo intuitivamente à forma cientificamente testada por aquele pedagogo).

Por outro lado, creio novamente que se trata de uma questão de sequência de aprendizagem, mais do que de idade cronológica. Numa fase inicial de aprendizagem musical é importante que a criança seja exposta (também) a canções sem texto, o que lhe permite concentrar a sua atenção sobre as características musicais intrínsecas da canção em vez de a dividir com aspectos que têm a ver com a linguagem, o «contar da história» da canção. Uma canção escolhi-

vamos andar como os gigantes; vamos andar como autómatos; vamos colher flores, vamos apanhar nuvens, etc». É importante não impor movimentos estereotipados ou tensos mas antes deixar que a exploração do espaço («espaço é tempo, tempo é espaço», recordo-me de o ouvir dizer a um dos grandes maestros da actualidade) se faça de forma descontraída e natural, de acordo com as possibilidades físicas de cada criança.

Inquestionavelmente, os educadores podem também recorrer a fragmentos de música gravada proporcionando a sua audição à criança. Devem ser escolhidos exemplos de obras musicais diversificadas em termos de género, estilo, instrumentação e outros elementos musicais. Tendo em vista captar a atenção da criança, estes exemplos devem ser curtos e apresentar grandes contrastes em ter-

Dir-se-ia que Palavra e Música brotam da mesma fonte; apenas as suas águas – expressividade e entoação – correm em leitões diferentes.

da para ser cantada sem texto deve ser apresentada logo nesta versão, conservando sempre idênticas as suas características musicais. É possível que, depois de superada esta fase de desenvolvimento musical, as próprias crianças «exijam» canções com texto, pois já estão preparadas para isso. O bom-senso, e não o fundamentalismo, devem orientar a acção do educador.

Os educadores poderão recorrer também aos chamados «cantos rítmicos» – àqueles pequenos jogos de prosódia como o conhecido «o pipi põe o ovo e o menino papa-o todo» ou o «pim pam pum, cada bola mata um, vai dar de comer à galinha e ao peru, quem se livra és mesmo tu» ou o «rei-capitão, soldado ladrão, menina bonita do meu coração». Embora podendo ser apresentados na sua versão original, devem ser incluídos cantos rítmicos também na versão em sílaba neutra (por exemplo, «bababá»), com inflexão vocal de forma a haver fraseado e musicalidade. Um mesmo canto rítmico deve ser executado conservando-se sempre o mesmo andamento. No entanto, devem ser utilizados diferentes cantos rítmicos com diferentes andamentos e carácter desde os muito lentos aos muito rápidos.

Os educadores poderão também recorrer a jogos de movimento e exploração do espaço. A exploração do espaço através do movimento é fundamental em termos da aquisição da noção de tempo que, por sua vez, é a base do sentido rítmico. É importante que a criança explore o espaço envolvente de uma forma livre e relaxada, com envolvimento total do seu corpo.

Note-se que há relações estreitas entre a percepção do corpo, a exploração do espaço, a aquisição da noção de tempo, o movimento e a respiração. Este bem-estar com o corpo e o seu movimento é a base para o canto e para o ritmo, para todo o desenvolvimento musical.

Assim, interessa modelar movimentos fluidos deixando que a criança explore o seu corpo e o espaço circundante com total liberdade. O educador pode ainda recorrer a jogos que apelem à exploração do espaço, da fluidez do movimento, do peso do corpo e do tempo. Utilizando, por exemplo, imagens como: «vamos andar como as formigas;

mos de timbre e de dinâmica. Escusado será dizer que a qualidade de gravação e de interpretação deve ser a melhor possível.

A obra intitulada Music Play, abaixo indicada, inclui um CD a que o leitor pode recorrer aprendendo uma série de canções e cantos rítmicos com características musicais diversificadas, para além de um conjunto de actividades sugeridas.

Se os Pais forem desafinados devem cantar ou fazer Música para as crianças?

Em primeiro lugar há que perguntar se, de facto, se é desafinado ou se se é mesmo «mau músico»...Tenho encontrado por vezes alguns educadores que interiorizaram essa ideia sem qualquer fundamento ou só porque ouviram algum comentário infeliz e pouco ajuizado a esse respeito... Até certo ponto, todos os Pais e educadores são capazes de se expressar musicalmente, podendo inclusivamente aproveitar este período de interacção musical com os mais pequenos para melhorar o seu desempenho musical. Depois, há que recordar a velha expressão «quem não tem cão caça com gato». Lembro-me de uma vez ter assistido à demonstração do trabalho de um professor com um coro infantil bem elucidativa a este respeito. Provavelmente pouco dotado em termos musicais (e consciente dos seus pontos fracos e das suas virtudes), o referido professor era, no entanto, um magnífico gestor de recursos humanos, recorrendo muito frequentemente à «ajuda musical» dos seus alunos. O resultado era francamente elevado em termos artísticos. Se um dos educadores é melhor em termos rítmicos e movimento do que o outro que, por sua vez canta melhor, o que há a fazer é articular a respectiva acção.

Obviamente que, sempre que possível, é desejável proporcionar experiências musicais de elevado nível artístico. Que se lhes dê «o melhor do Mundo». Aos meus alunos costumo dizer que uma canção infantil deve ser cantada com o mesmo critério de qualidade que se exige, normalmente, na apresentação de um concerto a solo. A qualidade de vocal, a sonoridade, a precisão rítmica e de afinação

são aspectos que, mesmo numa canção infantil, podem ser trabalhados até à exaustão. Tal como numa obra musical mais complexa, é sempre possível melhorar a sua performance, aperfeiçoá-la em termos interpretativos. É nas coisas simples que se vêem (ou ouvem) as grandes almas, os grandes artistas.

É certo que um bebé é como uma esponja e, de facto, as aprendizagens não são inócuas e que pior do que não

fonte sonora, páram a actividade em que estavam envolvidas, embalam o biberão, deslocam-se pela sala parecendo não estar a ligar nada, agitam os braços e as pernas, dormem, borbotam, emitem sons vocálicos, «cantam» acompanhando o educador, vocalizam durante o silêncio que se sucede às canções cantando um som (muito frequentemente a tónica ou a dominante). É também muito frequente encontrarmos crianças que ficam paradas, de boca aber-

Todos gostaríamos de ser Eusébios ou Sophias para iniciar os mais pequeninos no desporto ou no mundo mágico das histórias e da poesia, mas não é por não o sermos que prescindimos de o fazer...

aprender Música é aprender da forma errada. Mas até mesmo os profissionais podem cometer erros... Portanto, até um certo nível é possível contar com a colaboração dos Pais nesta iniciação ao Mundo da Música. As eventuais limitações não devem servir de desculpa para que nada se faça neste âmbito. Todos gostaríamos de ser Eusébios ou Sophias para iniciar os mais pequeninos no desporto ou no mundo mágico das histórias e da poesia, mas não é por não o sermos que prescindimos de o fazer...

Que reacções se devem esperar por parte da criança?

Nenhumas. Isto é, não há que ter expectativas predeterminadas relativamente à observação de reacções específicas. É certo que as crianças estão a absorver, a receber essa estimulação (cada vez há mais estudos que o provam) embora possam não o expressar de forma exuberante. Diferentes crianças, em diferentes ocasiões, podem ter reacções variadas. Que reacção esperam os Pais quando, desde o nascimento, comunicam, interagem verbalmente com os seus filhos? Não esperam nada em troca, e essa é uma das características da sua forma de comunicar: uma generosidade incondicional. Não deixam de falar com eles só porque os seus rebentos não lhes dirigem a palavra ou não lhes respondem da mesma forma... Também musicalmente há que interagir sem esperar nada em troca...

É possível encontrar crianças que, face à estimulação musical a que estão sujeitas, se remetem a um grande silêncio e quietude. Um dia, no entanto, surpreendem-nos com o grau de elaboração das suas respostas. As aprendizagens podem ser despoletadas por outros, mas a assimilação do conhecimento, a sua construção, é um processo solitário. Portanto, há que respeitar o ritmo pessoal de cada um e as suas formas próprias de exteriorização.

De qualquer modo, é frequente encontrar-se, nos mais pequeninos, reacções como as seguintes: olham para o educador sem atenção dirigida, olham para o educador com atenção fixa, voltam-se para o sítio de onde vem a



ta, absortas, como se estivessem a beber o que ouvem.

Numa sessão em que participem crianças entre os zero e os dois anos de idade é possível também encontrar crianças que se movem e balbuciam respostas em relação aos estímulos musicais do meio. Isto é, apresentando reacções activas que ocorrem especificamente em resposta a determinadas situações musicais. Por exemplo: voltam a cabeça em direcção ou contra a fonte sonora, dirigem o olhar para o educador, mudam a expressão facial, flectem as pernas, «pedalam», balançam-se, abanam os braços, saltam, batem palmas, sorriem, escondem a cara, correm pela sala. Pode, entretanto, obser-

var-se já uma certa intencionalidade nas suas reacções. Por exemplo, quando o educador canta, a criança responde de alguma forma, embora não saiba nem lhe interesse se o que cantou é diferente.

Entre os 2-4 anos e os 3-5 anos de idade, sucede-se a fase da imitação, caracterizada pelo facto de a criança concentrar a sua atenção preferencialmente sobre o meio envolvente. A criança começa também a tomar consciência das suas limitações: começa a perceber que aquilo que reproduziu não é igual ao que fez o educador, isto é, pode não imitar correctamente mas está consciente da diferença. É uma fase crucial em termos de aprendizagem – a criança começa a discriminar uma coisa da outra. ■

Bibliografia: Gordon, E. (2000). Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (no prelo).

Rodrigues, H. (1998). Música para os pequeninos – Elementos da perspectiva de Edwin Gordon, Cadernos de Educação de Infância, 48, pp.39-41.

Rodrigues, H. (2000). Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspectiva de Edwin Gordon, Cadernos de Educação de Infância, 53, pp. 31-37.

Valerio, W. et all (1991). Music Play. Chicago: GIA. (a editora possui o seguinte site na internet: www.giamusic.com).

¹ De visita ao nosso País entre 7 a 15 de Setembro. Para informações contactar o Departamento de Ciências Musicais da F.C.S.H. – U.N.L., Telef. 21 793 3519/ 793 3919